

Todas as Visões Podem ser Verdadeiras?

Joseph R. Farinaccio

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

É possível os cristãos alegarem que seu sistema de crença é verdadeiro? Essa alegação é um exemplo de intolerância religiosa? A maioria da discussão pública de religião na cultura contemporânea é obscurecida pela noção que qualquer um pode sustentar visões religiosas conquanto não diga que as outras são inferiores.

Todo sistema de crença faz reivindicações quanto à verdade. E reivindicações quanto à verdade, por sua própria natureza, implica que afirmações contrárias são falsas. É impossível que duas reivindicações genuinamente opostas quanto à verdade sejam simultaneamente verdadeiras. Embora a lei da contradição possa não ser popular quando aplicada às crenças religiosas, ainda é inegável “que duas proposições antitéticas não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo e no mesmo sentido. X não pode ser não-X. Uma coisa não pode ser e não ser simultaneamente. E nada que é verdadeiro pode ser auto-contraditório ou inconsistente com qualquer outra verdade. Toda lógica depende desse simples princípio. O pensamento racional e o discurso significativo demandam isso”.²

Isso se opõe ao pensamento relativista que é excessivamente popular em nossa cultura hoje. Inúmeras pessoas tendem a pensar que todos os sistemas de crença, especialmente os “religiosos”, devem ser vistos como iguais.

Na cosmovisão da diversidade religiosa, todas as religiões são iguais, *mesmo que contraditórias*. Nenhuma religião é mais verdadeira que outra. Embora isso contribua para uma feliz harmonia no papel, no mundo real isso não funciona. Tente afirmar a diversidade nas seguintes áreas:

- “Não importa o que você creia sobre *matemática*, conquanto seja sincero em suas crenças”.
- “Não importa o que você creia sobre *eletromagnetismo*, conquanto seja sincero em suas crenças”.
- Não importa o que você creia sobre o *Nazismo*, conquanto seja sincero em suas crenças”.

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em dezembro/2006.

² Phillip R. Johnson, “The Law of Contradiction”, em Grace To You.

- Não importa o que você creia sobre a *escravidão*, conquanto seja sincero em suas crenças”.

Pouquíssimas pessoas tolerariam tal absurdo, mas muitos ficam confortáveis com a noção de que todas as religiões são válidas mesmo quando contraditórias.³

Todas as crenças não são iguais. A teoria da Evolução e o Criacionismo bíblico podem ser estudados como visões separadas sobre as origens, mas ambas não podem ser verdadeiras. É irracional declarar a igualdade de todas as reivindicações quanto à verdade, especialmente aquelas feitas por religiões rivais.

A história da religião está cheia de incontáveis movimentos envolvendo crentes que desejavam corrigir antigas visões ou estabelecer novas. A tensão entre idéias religiosas diferentes sempre existiu em toda a história humana. Mas a necessidade de exercer a verdadeira tolerância para com outras crenças não significa que devemos defender a idéia irracional que todas as visões são igualmente verdadeiras. O Cristianismo, como *todos* os outros sistemas de crença, é exclusivo no sentido de afirmar que suas alegações são verdadeiras.

Não há nada de errado em crer que algumas coisas são verdadeiras e outras falsas. “Embora muitos acusem os absolutistas de intolerância, é quase certo que esses acusadores têm uma noção obscura e distorcida sobre o que é realmente tolerância. Frequentemente não sabem que o conceito de tolerância implica uma relação íntima com a verdade. Contrário às definições populares, a verdadeira tolerância significa ‘suportar o erro’ – não ‘aceitar todas as visões’... É porque diferenças reais existem entre as pessoas que a tolerância se torna necessária e virtuosa”.⁴ Os aderentes ao Cristianismo incluem tanto judeus como gentios. A fé cristã cruza barreiras raciais, étnicas, sociais, lingüísticas e nacionais. Ela inclui todos os grupos de pessoas, de toda nação, tribo, língua, povos e línguas (Ap. 7:9). Sua *membrosia* é inclusiva e diversa, mas seu *sistema de crença* é exclusivo e dogmático.

O Cristianismo bíblico rejeita a falsidade de que todas as crenças são iguais. Como um sistema de crença, ele pode alegar apresentar a verdade sobre Deus, o homem e o mundo. Embora a Bíblia dirija os cristãos a serem sensíveis para com os sentimentos de outros, ela, todavia, admoesta esses mesmos crentes da seguinte forma: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado” (Marcos 16:15-16).

³ Gary, DeMar, “Living With Contradictions,” *Biblical Worldview* (February 2000), p. 3.

⁴ Paul Copan, “*True For You, But Not For Me*” (Minneapolis, MN: Bethany House Publishers, 1998), p. 35.

Rejeitar essa visão cristã, ou qualquer outra cosmovisão, significa que a pessoa prefere *outra visão* sobre a realidade. As cosmovisões são últimas. Elas governam toda a nossa perspectiva sobre a vida. Fazemos julgamentos sobre tudo, especialmente outras visões, com nossa cosmovisão atual. Aqueles que desafiam a integridade da Bíblia como a Palavra de Deus fazem isso porque adotaram outra cosmovisão. Ninguém pode dizer legitimamente: “Eu não *sei* qual visão é correta, mas *sei* que a sua é errada”. A razão pela qual alguém pensa que outra visão é errada é porque ela crê que sua visão (seja qual for) é correta. Não é possível, sem dúvida, que algum ser humano forneça uma explicação *exaustiva* da natureza da realidade. Mas o fato que não podemos saber tudo sobre a realidade não deveria ser usado como uma escusa para crer em algo simplesmente por que queremos. É apenas racional assumir que as crenças metafísicas apresentadas por qualquer sistema de crença não deveriam conflitar umas com as outras. E essas mesmas crenças deveriam também revelar coletivamente uma estrutura metafísica que possa genuinamente explicar a realidade, incluindo a origem do homem e o lugar dele nela.

Nenhuma cosmovisão fornece respostas abrangentes. É impossível ter sequer uma de nossas perguntas exaustivamente respondidas. Todavia, os céticos freqüentemente escolhem o Cristianismo e o acusam de falhar em responder toda pergunta concebível que eles possam ter sobre Deus ou a Bíblia. Por que demandar algo do Cristianismo sem requerer o mesmo da cosmovisão deles? Todavia, tais padrões duplos são comuns entre os críticos do Cristianismo. Respostas abrangentes não são possíveis para criaturas com mentes finitas. Há muitas coisas que permanecerão um ministério para nós nesta vida (1Co. 13:12). Mas a falta de informação abrangente não significa que não possamos ter confiança nas reivindicações quanto à verdade feitas pela Bíblia.

A principal questão que cada um de nós precisa responder é essa: “Por que penso que meu sistema de crença atual é verdadeiro?” Rejeitar uma visão em favor de outra deveria ser acompanhado por mais que um assentir superficial nas grandes questões da vida, e a honestidade intelectual demanda mais que ignorar despreocupadamente as reivindicações quanto à verdade do Cristianismo ortodoxo, sem realmente investigá-las.

Todos nós, em certa medida, abrigamos certos preconceitos por crer no que cremos. Os cristãos certamente querem que a Bíblia seja autêntica em sua revelação de Deus, mas essa não é uma razão válida para crer em suas reivindicações quanto à verdade. Os crentes cristãos, contudo, não são os únicos que possuem preconceitos. Há aqueles, por exemplo, que conscientemente constroem suas cosmovisões, de forma que não incluam Deus:

Ao falar sobre o medo da religião, não me refiro à hostilidade totalmente explicável para com certas religiões estabelecidas... em virtude das suas doutrinas morais questionáveis, política social e influência política. Nem me refiro à associação de muitas crenças religiosas com superstição e com a aceitação de falsidades claramente empíricas. Refiro-me a algo muito mais profundo – ou seja, o medo da religião em si... Eu quero que o ateísmo seja verdade e fico desconfortável em ter de reconhecer que algumas das pessoas mais inteligentes e bem informadas que conheço são religiosas. Não é só uma questão de não acreditar em Deus e ter esperança de que ele não exista! Eu não quero que Deus exista; não quero que o universo seja assim.⁵

Esse ateu confesso reconheceu que as cosmovisões têm implicações. As crenças mudam a forma como olhamos para o mundo e determina como interpretaremos os fatos particulares do mundo ao redor de nós. Essa não é uma questão de pouca importância. “Se alguém submete sua vida, hábitos, pensamentos, objetivos e prioridades – tudo – a certa cosmovisão sem questionar, do ponto de vista dos seus oponentes está construindo a vida sobre um fundamento questionável”.⁶ Isso torna mais necessário considerar seriamente o que está implicado pelas reivindicações quanto à verdade última. Todas as religiões e filosofias do mundo sustentam certas visões com respeito a “Deus, o homem e o Cosmos”.⁷ O mundo contém muitas concepções diferentes da realidade.⁸

É a afirmação do cristão evangélico que “o anti-Cristianismo, em todas as suas formas, é arbitrário. Nós o vemos como sustentado pela força de vontade, energia de afirmação, e o fazer-se cego para com fatos complicados, e não como algo produzido por força de evidência ou força moral de argumento”.⁹ Essas são acusações sérias. Mas o apologista de qualquer sistema de crença deve tentar mostrar o porquê sua visão é mais verdadeira que as outras. Essa é parte da jornada de descobrir a fé com a razão.

Fonte: *Faith with Reason*,
Joseph R. Farinaccio, p. 11-16.

⁵ Thomas Nagel, citado por Ravi Zacharias, “Lessons From War In A Battle Of Ideas,” *Just thinking* (Fall 2000: RZIM) pp. 4-5.

⁶ Ravi Zacharias, *Por que Jesus é Diferente* (Editora Mundo Cristão, São Paulo), p.68.

⁷ O filósofo cristão Francis Schaeffer freqüentemente se referia à *realidade* usando esses termos coletivamente. Veja Francis A. Schaeffer, *Trilogy* (Westchester, Ill: Crossway Books, 1990), p.263.

⁸ *Realidade* como usado aqui se refere a tudo que verdadeiramente existe, quer natural, super-natural, material, imaterial, pessoal, consciente ou espiritual.

⁹ J.I. Packer and Thomas Howard, “Meet Secular Humanism”, em *Salt and Light*, ed. David J. Gyertson (Dallas, TX: Word Publishing, 1993), pp. 75-76.